A Casa de Eva Braun

A amizade sincera não requer convívio
frequente, notas músicas divididas,
encontros para o sunset.
A amizade nasce da admiração de um
reconhecimento que perdura no tempo...
Para o meu amigo Marcos, que
reencontrei neste trabalho.

Greg Gonzalles

Primeira edição | Agosto de 2023

Copyright© 2023 *by*
Greg Gonzalles

Todos os direitos desta edição são reservados.

Revisão Gramatical: Greg Gonzalles

Diagramação e composição: Marcos Ferreira

Revisão do projeto de capa: Marcos Ferreira

. . .

ISBN n° 978-65-00-76078-1

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

A Casa de Eva Braun

Greg Gonzalles

Copyright© 2023 *by*

Greg Gonzalles

Dados para Catalogação da Publicação

(Editada pelo autor. Votuporanga, SP, Brasil)

Gonzalles, Greg. (autor)
A casa de Eva Braun | [autor] Greg Gonzalles. -- 1. ed. -- Votuporanga, SP : Editora Espírita Sintonia, 2023.

ISBN nº 978-65-00-76078-1

1. Eva Braun 2. Dissertações 3. Fatos I. Gonzalles, Greg. II. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Dissertações : Fatos – Eva Braun

SUMÁRIO

Apresentação 8
Na Estrada 12
Uma Casa Grande e Linda 18
Outro Lugar 22
Meu Novo Quarto 26
O Doutor 32
Uma Noite Reveladora 38
Na Marcenaria 42
Fanfare For The Common Man 48
O Jardim dos Mortos 52
A Piscina de Olhos Azuis 58
Mais uma Noite 62
O Bilhete para Dominic 68
Outro Dia 72
A Resposta de Dominic 76
O Dia Crucial 80
A Biblioteca 86
As Matizes do Mal 90
A Conclusão do Plano 94
A Morte de Karl 98
O Fim e o Começo 102
A Fuga 106
Chamas de um Breve Passado 110
Uma Reflexão Atemporal 116
Dois Rapazes em Dusseldorf 120
O Observador 128
O Assassinato 134
As Ordens 140
Isolado 144
Sincronicidade? 156
O Começo de um Plano 164
Meu Caderno de Anotações 174

Apresentação

"PREFIRO TER UM FILHO VICIADO, alienado a ter um filho homossexual"

Essa frase no mínimo perturbadora, ficou grafada e configurada em meu inconsciente e surge de forma consciente, com uma frequência muito irregular, se manifestando através de gatilhos.

Penso que uma dessas manifestações mais inofensivas e menos violentas "intelectualmente falando", tenha sido escrever essa história. Quis que a homossexualidade, tema muito explorado ultimamente pela literatura, cinema,

televisão, pela mídia em geral, não fosse tratada **nessa história** de forma banal, adocicada com bandeiras coloridas, passeatas nuas de significado ou protestos maquiados de pacíficos e repleto de caricaturas humanas.

Hans e Emil incorporam a ideia *do* ***humano,*** **demasiadamente humano**(*), sem ilusões etéreas, metafisicas ou esperança no povir.

Emil e Hans, reagem ao todo como dois rapazes que se amam e tem reações e comportamentos *humanos.* eles se encontram fora da redoma protetora que envolve o especial, o diferente, o doente, o "quase humano".

(*) Friedrich Wilhelm Nietzsche.



"O amor está acima do bem e do mal."

Friedrich Wilhelm Nietzsche

Na Estrada

ALEMANHA, FEVEREIRO DE 2007, numa estrada vicinal entre Dortmund e Dusseldorf.

Nuvens cinza chocavam-se com uma violência incomum entre irmãs.

Os raios atração principal eram anunciados por trovões ensurdecedores, com uma reverberação em uma frequência tão grave que sugeria a voz de um ser superior invisível, um deus dominante... As luminosas faíscas de

fogo eram lançadas por ele quando o desobedeciam. O deus furioso praguejava e lançava faíscas que ligavam o Céu a Terra.

A torturante metafisica dos primatas com seus cérebros limitados e dominados pela crença, a crença que gerava a ignorância. Como deve ter sido chamada essa energia vista pela primeira vez? O risco de fogo destruía e salvava vidas. Qual seria o nome das faíscas cintilantes, multicoloridas e deslumbrantes?

O ser superior criado e manipulado pela imaginação ainda frágil daqueles primatas temerosos com medo, se culpavam pelos pecados cometidos pelas suas vontades e se sentiam ameaçados pelo espetáculo de som e luz. Corriam para o abrigo das sombras de suas cavernas e grunhiam a confissão inominável e o arrependimento na frente de uma grande pintura em forma de fogo.

Talvez, uma velha fosse sacrificada, o seu sangue bebido, sua carne dura engolida...O ritual de comunhão, os pecados inerentes a existência e sobrevivência já tinham sido confessados fora da caverna, com o abaixar de cabeça e posição de quadrupedes temeroso, faziam reverencia

a uma coisa que parecia ter uma sonoridade parecida com **Deus, Zeus, *Eus*...**

Assim a fúria do céu se acalmaria e quem sabe até fosse embora e o medo diminuiria por algum tempo.

Para mim, o espetáculo acabara, só restando a chuva fina e monótona que respingava no vidro do carro que comprimia o meu rosto. Eu já estava cochilando quando fui despertado pela voz aguda veloz e irritante de minha mãe, reclamando da chuva, dos solavancos, do tempo:

— Carl, vai demorar muito para chegar a esse... a esse lugar?

— Meu pai ao lado guiava o carro verde oliva de extremo mau gosto e fingia não ouvir. A ignorada, me espiava através do espelho retrovisor enquanto ordenava as madeixas impermeabilizadas e duras sob o efeito de algum cosmético que cheirava a éter. As madeixas a lá *Jetsons*, emolduravam seu rosto exageradamente maquilado com tons que não combinavam mais com sua idade. Seus olhos verdes hiperbóreos movimentavam-se com a velocidade desconfiada, questionadora e controladora dos narcisistas; olhava para o todo que julgava

lhe pertencer. Nada nunca estava bom, para o retrato delirante/perfeito que criara de si. Herdei seus olhos e por mais bonitos que fossem odiava-os, por serem a prova visivelmente incontestável que não poderia ser um filho bastardo. Quantas vezes no passado essa hipótese me encheu de esperança e da ausência do incomodo e nojo que sentia por mim.

Tentei esboçar um retrato cômico, uma caricatura de minha mãe demente e furiosa no bloco de desenho, mas fui surpreendido por uma construção desfigurada, talvez, por uma bomba ou morteiro há anos, depois dela, surgiu um muro coberto por musgos e eras que deviam guardar um terreno ou um quintal proibido...

Já estávamos viajando há seis horas quando o Mercedes verde obedeceu à indicação da seta de desvio e entrou numa estreita estrada sem cascalho que causou solavancos e gritinhos histéricos em minha mãe; depois de 15 quilômetros uma grande e alta grade esmaltada de bronze surgiu...

Um anão sorridente e ensopado pela água da chuva abriu a grade e quando nós passamos por ela a chuva já es-

tava quase parando. O anão percebeu que eu o olhava pelo vidro traseiro e abanou a mão para mim.

A estrada estreita que conduzia à monumental fachada da clínica era dividida por plantações de girassóis do lado esquerdo e cerejas do lado direito.

O colorido das plantações, a estreita estrada e a grande casa damasco no horizonte me lembrava a capa de um livro infantil, a abertura de um filme antigo, não sabia bem qual...

Uma Casa Grande e Linda